

Alfredo da Silva e Salazar: oportunidade para um balanço de investigação

*Miguel Figueira de Faria**

O título da comunicação «Alfredo da Silva e Salazar», anunciado na programação do presente colóquio, coincidia com a terceira parte de um projecto de investigação estabelecido em torno da vida e obra de Alfredo da Silva, que havíamos iniciado em 2001.

Não apresentado na data prevista¹, o tema perdeu a actualidade que então revelava, dado os resultados da pesquisa terem, entretanto, visto já a luz do prelo em finais de 2009².

Pareceu-nos, então, mais oportuno aproveitar a ocasião para fazer um primeiro balanço de todo o projecto e remeter o leitor para o trabalho já editado que concentra e aprofunda devidamente a temática que nos propusemos apresentar.

O interesse pelo tema começara, na realidade, anos antes, no momento em que coordenámos uma investigação sobre a História da Lisnave³, ao longo da qual, procurando fixar as origens do interesse da CUF pela indústria da reparação e construção naval, aflorámos o período de concessão dos estaleiros da Administração Geral do Porto de Lisboa (AGPL) a Alfredo da Silva e à União Fabril, a partir de 1937⁴.

* Centro de Estudos de História Empresarial do Instituto de Investigação Pluridisciplinar da Universidade Autónoma de Lisboa (IIPUAL).

Por essa altura Carolina Peralta, uma das investigadoras da equipa do Centro de Estudos de História Empresarial, então recém-criado⁵, chamou-nos a atenção para o relacionamento próximo de um seu ascendente – Paes Borges, gerente da Casa Bancária José Henriques Totta, braço financeiro do grupo – com o patrão da CUF, a par da existência de um assinalável conjunto de documentação no respectivo arquivo de família incluindo muitas cartas autógrafas de Alfredo da Silva relativas aos anos 20.

A sobrecarga de projectos que então geria não permitiu que desse, de imediato, a atenção devida ao referido espólio e a recomendação repetidas vezes feita ficaria no esquecimento. Mas o interesse manter-se-ia latente e o tema voltaria à ordem do dia quando, em 2001, recebi o convite para realizar um estudo sobre a vida e obra do seu antepassado.

Iniciava-se, então, o projecto que ao longo dos últimos oito anos vimos desenvolvendo e ao longo do qual, como decorrência natural da investigação realizada, foi possível produzirmos três diferentes títulos: *Alfredo da Silva. Biografia* (Bertrand, 2004), *Manuel de Mello. Biografia* (Inapa, 2007) e o já referido *Alfredo da Silva e Salazar* (Bertrand, 2009).

Note-se que, à partida, a *fortuna crítica* sobre Alfredo da Silva era mínima, o que não significava uma falha de percepção sobre a importância da personalidade. Pelo contrário a lacuna historiográfica era reconhecida e encontrava-se devidamente detectada⁶.

Acrescente-se que havia anteriormente acontecido uma «falsa partida», com a realização de um trabalho da autoria de António Dias Miguel que, por circunstâncias várias, não passou das provas tipográficas⁷, tornando-se não obstante os exemplares que circularam policopiados como principal fonte comum aos exercícios biográficos realizados a partir de então.

Foi o caso das sínteses de Maria Fernanda Rollo⁸ ou de Joana Leitão de Barros e Ana Filipa Silva Horta que muito lhe devem, estas últimas autoras, no texto que interligava a pesquisa iconográfica de indiscutível mérito efectuada em torno de Alfredo da Silva⁹.

O patrão da CUF não passou igualmente despercebido à atenção da escola sociológica e encontramos neste âmbito subsídios com inegável interesse mas na maior parte dos casos infelizmente já datados¹⁰, a que haverá ainda a acrescentar a obra colectiva sobre a História da Engenharia na qual participaram alguns dos investigadores da nossa equipa¹¹. Neste contexto surgiu o primeiro trabalho do nosso projecto de investigação, *Alfredo da Silva. Biografia*. Na respectiva «Introdução» enunciávamos, então, os nossos propósitos:

Dar a conhecer os empreendedores no domínio da biografia, acrescentando-os ao naipe dos protagonistas habituais deste género literário. Eis o primeiro objectivo a que este trabalho se propõe. Neste pressuposto, a eleição de Alfredo da Silva como personalidade com «direito à biografia» foi uma conclusão lógica e consensual¹².

No mesmo momento salientámos a utilidade do projecto que então iniciávamos:

Quando questionado sobre que trabalho me concentrava nestes últimos tempos e respondia que tinha em curso uma investigação sobre Alfredo da Silva, muitos dos interessados comentavam: « o homem da CUF! ». Mas num breve inquérito apercebemo-nos que esta memória se circunscrevia a uma faixa etária já estreita, na generalidade fixada acima dos quarenta. O nome do industrial já pouco diz aos mais novos. Num tempo que se discute, com renovado interesse, a valia do empresário português, parece oportuno oferecer a um público alargado o perfil daquele que, mesmo para os que mais o contestam, foi reconhecido pela obra construída.

Salientávamos na altura a *penumbra biográfica* a que se encontravam – e de certa forma ainda se encontram – votados os empresários¹³, distorção que nos propúnhamos atenuar, consciencialização que esteve na origem do *Dicionário de História Empresarial* que, em parceria com José Amado Mendes, iniciámos recentemente a organização¹⁴.

Mas, para que não percamos o objecto da nossa intervenção, regressemos à *Biografia de Alfredo da Silva*. Enunciámos então os princípios metodológicos que nos orientariam ao longo de todo o projecto:

[...] Procurou-se combater a muitas vezes patente incapacidade do biógrafo em libertar-se do fim da história e fazê-la ao contrário, ou seja, insistindo na necessidade de obter uma visão real de «cada idade» do protagonista, sem as alicerçar no tempo último que conferiu ao modelo o direito à notoriedade. Essa inclinação, amiúde cultivada, distorce a possibilidade de captação de uma visão evolutiva da personalidade, justificando a construção metódica do seu passado em concordância com

um futuro que nós conhecemos, mas que o herói em cada tempo ignora, e que muitas vezes acidentalmente alcança. A fixação desta lógica invertida, em que se procura encontrar em cada traço um fragmento metamórfico em desenvolvimento coerente com o final, acaba por mergulhar em valores tão vagos como a predestinação, afastando o lado incidental tão frequente nos trajectos célebres. Por outro lado, inibe a capacidade de fixar quadros intermédios mutantes, numa sucessão de estados evolutivos onde a personagem pôde modelar o seu caminho, que é necessário compreender isoladamente antes de proceder ao seu encadeamento, sendo de admitir que a soma dessas novas pesquisas nem sempre produz um itinerário linear e coerente. O afastamento dessa visão, predeterminada, permitiu-nos a liberdade de apresentar uma personalidade mais humana, muitas vezes condicionada, no imediato, à solidão da sua individualidade, pesando as decisões, enfrentado os próprios conflitos internos, expondo as suas fragilidades, num enriquecimento da sua experiência, que uma visão inteira oculta na cortina do sucesso final¹⁵.

Finalmente alertávamos, face à sempre verdadeira máxima do historiador gerir, por definição, informação incompleta, de que nos propúnhamos «fazer despertar a atenção para a necessidade de novos estudos, tanto em monografias relacionadas com as suas empresas a merecer tratamento individual, com natural destaque para a Companhia União Fabril, como em aprofundamentos temáticos da sua própria existência como empresário e político, que permita no futuro, novo investimento biográfico a realizar, então, com outra sustentação muito diversa da que encontrámos à partida [...]» acrescentando que «o presente trabalho é, apenas, um primeiro e incompleto contributo, que trabalhos futuros poderão melhor avaliar».

O elo esquecido

O projecto prosseguiu com a investigação em torno do continuador de Alfredo da Silva à frente dos destinos da CUF que deu origem ao segundo trabalho da série: *Manuel de Mello*¹⁶. Se tivéssemos que escolher um outro título para esta obra recorreríamos certamente à expressão utilizada na respectiva introdução: *O elo esquecido*¹⁷.

Com efeito, o contributo e o legado de Manuel de Mello – recorde-se, casado com Amélia, herdeira universal de Alfredo da Silva – encontrava-se esquecido sob o efeito *contraluz* da personalidade arrebatadora do sogro. A dúvida equacionada, à partida, fazia então todo o sentido:

[...] o contributo pessoal de Manuel de Mello foi, em grande parte, entendido como um mero prolongamento da obra de Alfredo da Silva, consequente da dinâmica legada pelo seu antecessor. Neste contexto, a imagem que chegou aos nossos dias oscila entre a dúvida sobre os seus méritos e o desconhecimento generalizado da obra realizada. Um líder de transição? Ou, efectivamente, um empreendedor, um intérprete de primeira linha?¹⁸.

Urgia esclarecer, no feixe temático então definido, como *Mello* se havia tornado sinónimo de empreendedorismo, sobrepondo-se ao patronímico *Silva* do fundador, na memória colectiva. O fenómeno, determinante para melhor compreender a cultura empresarial do mais importante grupo económico anterior a Abril de 1974, não foi infelizmente alvo da pesquisa sobre as famílias empresariais portuguesas do século xx, não tendo sido tratado nos estudos de Maria Antónia Pedroso de Lima¹⁹ ou de Manuel Lisboa²⁰, deixando neste caso o caminho aberto a futuras investigações²¹.

O interesse pela personalidade e obra de Alfredo da Silva ampliar-se-ia, entretanto, consideravelmente, não tanto ao nível da investigação universitária, mas, sobretudo, por oportunos trabalhos de divulgação que, a propósito, da comemoração que agora celebramos produziram um conjunto interessante de títulos que vieram indiscutivelmente enriquecer a memória do grande industrial²².

Por outro lado, os trabalhos relativos à história dos movimentos operários não podiam contornar a dinâmica existente no Barreiro no contexto do concentração fabril da CUF, área onde ganham expressão os trabalhos em desenvolvimento por Vanessa Almeida²³, na esteira de outros anteriores²⁴.

O reacender deste interesse propagar-se-ia, igualmente, aos fóruns de discussão virtuais com múltiplas manifestações na *blogosfera* e com a criação, inclusive, de *sítios* especializados sobre o tema em análise²⁵.

Mas, em todo, o caso no intervalo de tempo entre a nossa primeira proposta e o terceiro inquérito realizado, de que falaremos em seguida, não surgiram estudos de referência que nos permitissem alicerçar de modo mais consistente a sequência dos nossos trabalhos.

Não é de estranhar pois que tenha persistido nesta cadeia de pesquisas o escrutínio privilegiado de fontes primárias, recurso que atravessa horizontalmente a estrutura dos três títulos produzidos e solução que se intensificou no último que, em seguida, apresentamos.

Uma relação sinuosa

Se na *Biografia de Alfredo da Silva* havíamos privilegiado o estudo das suas origens familiares e o seu percurso de afirmação como empresário e industrial na primeira fase da sua vida, no terceiro volume da presente linha de investigação a nossa atenção concentrar-se-ia, como o título indica, no seu relacionamento com António de Oliveira Salazar, o ainda jovem político em ascensão.

Como referimos no nota introdutória, «este último painel do tríptico planeado, ainda de afloramento biográfico, apresentou-se, porém, mais complexo, visto ser resultante do cruzamento de duas personagens de importância capital nos domínios em que se notabilizaram. Sem que possamos estabelecer um padrão, dada a singularidade de carácter de ambos os protagonistas, a investigação efectuada permitiu-nos aceder à forma como Alfredo da Silva se articulou com o poder político na fase madura da sua vida e, por outro lado, entender o modo como Salazar lidava com os empresários»²⁶.

Procurámos, à partida, libertar-nos do peso *icónico* de cada um dos protagonistas para os surpreender no ponto certo do seu respectivo itinerário, a fim de nos permitir colocar, frente a frente, o já muito experiente Alfredo da Silva, com 57 anos de idade na altura dos primeiros encontros com o futuro presidente do Conselho, e Salazar que, então aos 38 anos, iniciava a sua *longa marcha*.

No respectivo *Prefácio* salientámos que a relação de Alfredo da Silva e Salazar não foi linear, ao longo dos cerca de catorze anos em que se desenvolveu, definindo-a como uma «relação sinuosa». Tivemos a preocupação de iniciar a narrativa ainda antes da chegada ao poder do fundador do Estado Novo. Essa visão retrospectiva permitiu-nos estabelecer a evolução do relacionamento do industrial com os poderes que se sucederam e ganhar referências comparativas, face ao seu relacionamento com Salazar.

Sintetizando a estrutura do novo título e as opções temáticas que seguimos, procurámos estabelecer um quadro de partida do *exilado* (prólogo) e do seu combate (I Capítulo), até à sua regeneração política (II). Seguiu-se uma

segunda parte com a aproximação de Alfredo da Silva ao regime, em plena crise mundial (III-IV), onde descrevemos os primeiros encontros entre o industrial e o político, na luta pela sobrevivência da CUF, no contexto da *Grande Depressão* (V). Finalmente, reconhecemos o momento de maior atrito com a *situação*, ditado pelos interesses contraditórios no sector da Marinha Mercante (VI), para concluirmos numa derradeira etapa de consolidação da convergência com Salazar, no quadro dos grandes conflitos internacionais que eclodiram na segunda metade da década de 30 (VII).

«Uma relação sinuosa», insistimos, «construída por cumplidades e confrontos, mas sem rupturas irreversíveis. Para ilustrar a presente obra, procurámos identificar imagens em que se encontrassem em simultâneo Alfredo da Silva e Salazar, tarefa por concluir, apesar dos esforços desenvolvidos por toda a equipa de investigação. Metáfora plena de significado, definida nesta carência iconográfica, se atendermos à natureza dos protagonistas em presença, numa relação ausente de convivência social, composta por encontros, telefonemas, mas convenientemente construída de distâncias...»²⁷.

A análise da correspondência de Alfredo da Silva para Salazar permitiu-nos testemunhar o desenvolvimento de um relacionamento que, como referimos atrás, não foi linear. É um diálogo, porém, de que apenas se conhece um sentido porque não foi possível localizar a correspondência do ministro para o industrial. Mesmo admitindo o recato epistolográfico de Salazar fora do seu muito restrito círculo de confiança, e a sua tradicional forma de comunicação através de breves comentários lançados em cartões, nem esses limitados testemunhos se encontram localizados. Trata-se, portanto, de um *monólogo* onde, apesar da ausência de respostas, é possível detectar uma sequência que passou, ao longo dos catorze anos de duração, por diversas fases. Uma primeira etapa mais acidentada, até 1936, onde assistimos a uma metamorfose que se inicia no formalismo, e evolui sucessivamente para outras variantes: informalismo, dependência e ansiedade, pressão social e política, cooperação e conflito; e uma segunda parte onde se regista uma relativa estabilidade, que chega com o reforço dos interesses – e convicções – comuns, face ao radicalizar da conjuntura política europeia, particularmente visível a partir da eclosão da Guerra Civil de Espanha (1936-1939).

Esta última fase de maior proximidade Alfredo da Silva a Salazar fica bem assinalada pela presença simbólica do industrial à frente dos operários da CUF, na grande manifestação de apoio ao chefe do Governo realizada na Praça do Comércio, a 27 de Fevereiro de 1939, promovida pelos Grémios e Sindicatos

Nacionais, Casas do Povo e dos Pescadores, Ordens Profissionais, etc.²⁸, num dos momentos apoteóticos do regime numa conjuntura em que se clarificava a vitória dos nacionalistas de Franco na Guerra Civil de Espanha e em vésperas da eleição do Papa Pio XII.

Não nos alongaremos mais nesta breve intervenção. Cumpríamos desta forma mais uma etapa do programa a que inicialmente nos propusemos. O projecto *Alfredo da Silva* deverá, agora, prosseguir com uma última investigação que aprofunde o período intermédio da sua vida (1908-1926), tendo como marcos de referência a chegada da CUF ao Barreiro e o final da Primeira República, cuja conclusão prevemos para o próximo ano de 2011. Oportunamente daremos notícia do desenvolvimento desta última fase da linha de investigação, iniciada em 2001, e da publicação dos respectivos resultados.

Notas

¹ Não pôde o autor comparecer por motivos de saúde, como oportunamente foi comunicado.

² Cf. Miguel Figueira de FARIA, *Alfredo da Silva e Salazar*, Lisboa, Bertrand, 2009. As actas do presente colóquio acabaram por ser editadas posteriormente, dado os habituais inconvenientes de obras de colaboração vária que atrasaram o encerramento dos trabalhos.

³ Miguel Figueira de FARIA (coord.), prefácio de José Manuel de MELLO, colaboração de Ana Paula TUDELA, Paulo ESPÍRITO SANTO, Paulo FERNANDES, Paulo OLIVEIRA, Vanda SAIOTE, *Lisnave, Contributos para a História da Indústria Naval em Portugal*, Lisboa, Inapa, 2001. Editado nesta última data, a investigação teve, porém, início em 1998.

⁴ Veja-se, sobretudo, os contributos de P. ESPÍRITO SANTO e Vanda SAIOTE, «A construção naval no Grupo CUF. Do Barreiro aos Estaleiros da Rocha», *op. cit.*, supra, pp. 25-45 e A. P. TUDELA, «O Estaleiro da Rocha no período da Segunda Guerra Mundial», pp. 47-60.

⁵ O Centro de Estudos de História Empresarial foi criado no seio da Universidade Autónoma de Lisboa, no ano 2000.

⁶ Veja-se, por exemplo, a síntese biográfica «Alfredo da Silva e a CUF» feita por António José TELO, in João MEDINA, *História de Portugal*, vol. XI, Clube Internacional do Livro, p. 247: «Uma última nota. Infelizmente, não há uma biografia de Alfredo da Silva, que esclareça os aspectos ainda pouco estudados do homem, do industrial e do político...» Aliás, a sua relevância, como empresário de excepção, já impressionara o sociólogo francês P. Descamps, que lhe traçou um primeiro retrato nos inícios dos anos de 1930. Cf. Paul DESCAMPS, *Le Portugal. La vie sociale actuelle*, Paris, Firmin-Didot et C.^a, 1935, p. 362.

⁷ O trabalho de António Dias MIGUEL seria realizado em meados da década de 60.

⁸ ROLLO, Maria Fernanda, «Le «grand industriel» Alfredo da Silva (1871-1942)», in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, Lisboa-Paris, 2000, pp. 209-228.

⁹ VIEIRA, Joaquim (direcção), *Alfredo da Silva*, in *Fotobiografias Século XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

¹⁰ PAIS, José Machado, *ed. al.*, «Elementos para a história do fascismo nos campos: A 'Campanha do Trigo': 1928-38», in *Análise Social*, n.ºs 46 e 54, Lisboa, 1976/1978.

¹¹ BRANDÃO DE BRITO, José Maria, *ed. al.*, *Engenho e Obra*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002.

¹² FARIA, Miguel Figueira de, *Alfredo da Silva. Biografia*, Lisboa, Bertrand, 2004, p. 7.

¹³ Registe-se um bom exemplo na recente produção literária no trabalho de José Miguel SARDICA, *José Maria Eugénio de Almeida. Negócios, Política e Sociedade no Século XIX*, s. l., Quimera, 2005.

¹⁴ Trata-se de uma obra na qual se contemplarão os vários sectores da economia, em seis volumes, sendo os cinco primeiros dedicados às empresas e o sexto à biografia de empresários. O primeiro volume, relativo ao sector financeiro (Banca e Companhias de Seguros), encontra-se em fase avançada de elaboração.

¹⁵ FARIA, Miguel Figueira de, *Alfredo da Silva. Biografia*, Lisboa, Bertrand, 2004, pp. 9-10.

¹⁶ FARIA, Miguel Figueira de, *Manuel de Mello. Biografia*, Lisboa, Inapa, 2007.

¹⁷ Ao invés, sobre o seu filho Jorge de Mello, era já conhecida alguma informação, inicialmente através do trabalho de Maria Filomena MÓNICA, *Os grandes Patrões da Indústria Portuguesa*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1990, pp. 199-217 e depois, de forma mais consistente, na biografia da autoria de Jorge Fernandes ALVES, *Jorge de Mello. «Um Homem». Percursos de um Empresário*, Lisboa, INAPA, 2004.

¹⁸ *Idem*, p. 5.

¹⁹ Cf. LIMA, Maria Antónia Pedroso de, *Grandes Famílias Grandes Empresas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003. O «universo de análise» do projecto foi constituído pelos seguintes grupos: Espírito Santo, Orey Antunes, Ciminato, Somague, Vista Alegre, Casa E. Pinto Basto, e Mendes Godinho. Cf. *op. cit.*, p. 151.

²⁰ LISBOA, Manuel, *A Indústria Portuguesa e os seus dirigentes*, Lisboa, Educa, 2002. Este estudo concentra-se sobre a segunda metade do século xx, afastando-se da cronologia em análise e referindo-se apenas de passagem a Alfredo da Silva. Por sua vez, Alfredo da Silva e a CUF também não puderam ter o desenvolvimento que mereciam, dado o carácter de síntese da obra de Manuel Ferreira RODRIGUES e José Amado MENDES, *História da indústria portuguesa. Da Idade Média aos nossos dias*, Lisboa, Publicações Europa-América/Associação Industrial Portuguesa, 1999, pp. 257-259 e 349.

²¹ Sobre a actualidade do tema das empresas com base familiar veja-se, por exemplo, a síntese de Andrea COLLI, *The History of Family Business*, Cambridge University Press, 2003.

²² Bibliografia animada pela comemoração do centenário da instalação da CUF no Barreiro, com interessante conjunto de publicações das quais convirá referir a colectânea fotográfica, com textos apropriados, coordenada por António CAMARÃO, A. Sardinha PEREIRA e José Miguel LEAL da SILVA, *A Fábrica*, Lisboa, Bizâncio, 2008. No mesmo ciclo editorial se deverão citar, ainda, os trabalhos de Jorge MORAIS, *Rua do Ácido Sulfúrico: patrões e Operários: Um Olhar sobre a CUF do Barreiro*, Lisboa, Bizâncio, 2008, a síntese dos jornalistas Fernando SOBRAL, Elisabete de SÁ e Agostinho LEITE, *Alfredo da Silva a Cuf e o Barreiro*, Lisboa, Bnomics, 2008, e o mais recente – e com redobrado mérito – estudo de Pedro CASTRO, *Salazar e os Milionários*, Lisboa, Quetzal, 2009, no qual o autor, no capítulo dedicado à CUF e seus mentores, revelou a preocupação de consultar as fontes primárias que tinha ao seu alcance. Este conjunto de trabalhos comprova o interesse que a vida e obra do industrial tem inegavelmente despertado nos últimos tempos.

²³ ALMEIDA, Vanessa de, *Um Discurso Escondido. Alfredo da Silva e as greves da CUF durante a Primeira República 1910-1919*, Lisboa, Bizâncio, 2008.

²⁴ No mesmo padrão de abordagem veja-se igualmente Maria Filomena MÓNICA, «Indústria e democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa (1880-1934)», in *Análise Social*, vol. XVIII, 1982, pp. 1231-1277, autora igualmente devedora das informações do trabalho pioneiro de Dias MIGUEL. Veja-se também da mesma investigadora «Capitalistas e industriais (1870-1914)», in *Análise Social*, vol. XXIII, 1987, pp. 819-863, sobretudo, pp. 843-845.

²⁵ Refiram-se neste caso os *blogues Fábrica Sol, Barreiro Velho, O Grupo CUF – Elementos para a sua História*, etc.

²⁶ FARIA, Miguel Figueira de, *Alfredo da Silva e Salazar*, Lisboa, Bertrand, 2009, p. 7.

²⁷ *Idem*, p. 11.

²⁸ Veja-se, a propósito, *O Século* de 28 de Fevereiro de 1939, p. 6 ou *A Voz* da mesma data, p. 4.